

# ISCAS VIVAS - TRANSFORMANDO AS COMUNIDADES DO PANTANAL

*Mato Grosso do Sul*



*Manejo adequado com as iscas vivas com acompanhamento de pesquisadores*



*Pesquisa para a diminuição no índice de mortalidade das iscas*



*Atendimento constante dos profissionais de saúde para os ribeirinhos*

**ecoa**

**Ecoa – Ecologia e Ação**

Campo Grande-MS  
Março / 2008

## ISCAS VIVAS - TRANSFORMANDO AS COMUNIDADES DO PANTANAL

*Mato Grosso do Sul*

***Jean Fernandes dos Santos Junior***

[jean@riosvivos.org.br](mailto:jean@riosvivos.org.br)

**ECOIA - Ecologia e Ação - [ecoia@riosvivos.org.br](mailto:ecoia@riosvivos.org.br)**

O Pantanal, maior área úmida continental de água doce do Planeta, compreende cerca de 210 mil km<sup>2</sup> (140 mil km<sup>2</sup> no Brasil e 70 mil km<sup>2</sup> na Bolívia e Paraguai). Destaca pela sua rica biodiversidade, exuberância e diversidade de culturas humanas. A paisagem reúne vastas extensões selvagens e pouco habitadas, grandes fazendas de pecuária extensiva, agrupamentos urbanos e cidades. Contudo, as transformações ocorridas principalmente nas últimas três décadas, com implementação de projetos de infra-estrutura para transporte e energia, instalação de indústrias altamente poluidoras, desmatamento e substituição de paisagens naturais por monoculturas, têm tido graves repercussões para a perpetuação dos modos de vida e sustento de populações tradicionais e ribeirinhas. Essas populações encontram-se à margem dos processos de crescimento e desenvolvimento perpetuados na região Pantaneira, seguem cada vez mais marginalizados, lutando para conservar suas relações com o meio ambiente, através de suas crenças, tradições e formas de produção.

A **Ecoa – Ecologia e Ação** é uma organização não-governamental do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, fundada em 1989, atua na área sócio-ambiental e tem como objetivo a promoção de ações em defesa da melhoria da qualidade de vida

das populações pantaneiras, enfocando principalmente aquelas ribeirinhas, bem como a preservação e a conservação dos bens naturais, desenvolvendo ações nas esferas local, regional, nacional e internacional, beneficiando o Pantanal e o Cerrado.

As ações desenvolvidas e apoiadas pela Ecoa buscam articular parcerias da sociedade civil (*organizações ambientalistas, órgãos representativos de classe, e comunidades ribeirinhas etc.*) com as instituições públicas (*federal, estadual e municipal*) que atuam no Pantanal e Cerrado, a fim de contribuir para a criação de alternativas de desenvolvimento sustentável das comunidades pantaneiras, com enfoque voltado para a conservação ambiental considerando ensino, pesquisa e saúde e educação ambiental. A ECOA acredita que, além da concretização de benefícios, nas comunidades com um pacto de sustentabilidade social e ambiental, isso torna-se uma forma importante de promover a inclusão social, o resgate da cidadania e a conservação para garantir a efetividade de acordos ambientais, atuando por meio do Programa Natureza e Pobreza.

Tendo essa visão do Pantanal como todo, detectamos que existia um grupo que merece especial atenção, cuja história será compartilhada nestas linhas, são os coletores de iscas, mais conhecidos como “isqueiros”, famílias de pescadores distribuídas ao longo da planície pantaneira, que enfrentam extrema pobreza e dependem basicamente da venda de espécies da fauna aquática para o turismo de pesca.

As condições degradantes em que estavam submetidos esses “isqueiros” foi evidenciada em um estudo promovido pela Ecoa, em 1993, sobre comunidades tradicionais Pantaneiras. Naquele momento, ficou claro que os “isqueiros” constituíam o grupo mais vulnerável do Pantanal, abandonados pelos órgãos e políticas públicas, e marginalizados, tanto pelos pescadores profissionais quanto pelos proprietários rurais que impediam o acesso aos recursos naturais dos quais dependiam. Considerando que medidas rápidas deveriam ser tomadas para reverter este quadro, a Ecoa iniciou um trabalho em escala local com famílias de isqueiros em localidades do Pantanal. Essas intervenções, apesar de locais conseguiram provocar importantes transformações nas comunidades trabalhadas e atingir resultados em escala regional.

A partir da década de 1970 o Pantanal começa a ser amplamente divulgado nacional e internacionalmente como uma importante região turística. Seus imensos estoques pesqueiros constituíram um atrativo natural para o turismo de pesca, atividade que se estabelece rapidamente na região. Acompanhando essa oportunidade, pescadores locais passaram a desenvolver a atividade de coleta de iscas vivas motivados pela demanda trazida pelos pescadores esportivos. As iscas vivas, geralmente caranguejos e peixes, que são alimentos para as espécies ditas nobres (*ou seja, peixes de alto valor comercial*), mobilizaram famílias de baixa renda. Vilas de trabalhadores surgiram ou cresceram em decorrência do turismo pesqueiro. Hoje, as principais comunidades situam-se ao longo dos cursos dos rios Paraguai e Miranda na planície pantaneira, mais especificamente na cidade de Miranda (*região do Salobra*), Porto da Manga e Passo da Lontra.

Após um período de estabilidade econômica, o turismo de pesca entrou em declínio. Entre 1979 e 1983, o Pantanal foi visitado por 17.000 a 20.000 turistas da pesca por ano, e em 1990 atingiu o maior índice, com 58.966 pescadores esportivos. Mas, o baixo fluxo do turismo é atualmente um dos principais fatores para o agravamento da crise social em que vivem as famílias de pescadores. Contudo, a renda gerada com a pesca de iscas vivas ainda é responsável por cerca de 80% da renda familiar dos “isqueiros”, sendo a pesca, uma atividade tradicional e cultural responsável pela subsistência e sobrevivência da maior parte das populações ribeirinhas do Pantanal. Estudos realizados revelam que a pesca de iscas vivas é uma atividade intensa no Pantanal, onde a coleta das iscas vivas gira em torno de 21 milhões de unidades/ano, gerando uma renda bruta de cerca de 3,5 milhões de dólares/ano. As iscas mais capturadas e comercializadas são os peixes das espécies *Gymnotus carapo* (tuvira) e *Synbranchus marmoratus* (mussum) e o *Dilocarcinus pagei* (caranguejo). Entretanto, em decorrência do manejo inadequado, ocorrem perdas acentuadas mediante altas taxas de mortalidade.

O “isqueiro” por muito tempo sofreu ainda o peso da marginalização. Muitas vezes a atividade gerava conflitos, pois a maioria dos fazendeiros não permite a entrada nas suas terras para efetuar as coletas das iscas. No início do trabalho da Ecoa, colheram-se relatos de vários “isqueiros” que tiveram suas roupas e equipamentos de pesca queimados. Para isentarem-se da culpa, os fazendeiros chegavam até à atear fogo em áreas naturais e acusavam o “isqueiro” de provocar incêndios

florestais e matar gados nas fazendas locais. Atualmente, tem-se conseguido reverter esse quadro.

O trabalho de coleta de iscas é arriscado e extenuante. Normalmente as baías (lagoas) e corixos (pequenos rios na planície) são exploradas pelos “isqueiros” com telas, no formato retangular, com armação de ferro, medindo cerca de 0,85cm por 2m, que mergulhadas sob os bancos de macrófitas aquáticas chegam a pesar, em média, 50 Kg. Esse processo é realizado, no mínimo, 180 vezes em cada local de coleta, traduzindo-se em intenso esforço de captura. As iscas são armazenadas em baldes, levadas ao acampamento e então vendidas a intermediários e turistas esportivos. Os “isqueiros” enfrentam situações de insalubridade e risco, pois ficam no mínimo oito horas/dia, preferencialmente à noite, dentro da água, sem equipamentos de segurança, sujeitos ao frio e a mercê de animais, como cobras, jacarés, arraias e onças, adquirindo pelo ofício da atividade várias enfermidades, principalmente dermatites de pele e doenças pulmonares. Por outro lado, a intervenção dos “isqueiros” nesses ambientes, sem técnicas adequadas de manejo pode provocar impactos locais, aliando-se a essa realidade, os altos índices de mortalidade das iscas, em decorrência do manejo inadequado quando da captura, transporte e armazenamento, além da presença de agentes patogênicos. O conjunto desses fatores contribuem para maximizar os prejuízos econômicos e ambientais da atividade. Um maior esforço de captura, implica em maior quantidade de iscas capturadas e, conseqüentemente, maior taxa de mortalidade, podendo atingir percentuais acima de 50% do total capturado, o que sem dúvida interfere nos ganhos econômicos dos “isqueiros”, bem como na redução dos

estoques naturais de iscas, sem descartar as possíveis alterações que a atividade pode estar provocando no meio aquático, quando da revirada da vegetação aquática. Contudo, ainda não há estudos que avaliem esse real impacto no ecossistema das lagoas da região.

Na pesca de iscas atuam jovens e adultos, homens e mulheres, porém com baixo nível de instrução formal, devido à falta de oportunidades. Geralmente, as mulheres são maioria nessa atividade, a exemplo do Porto da Manga. Entre elas atua dona Maria do Carmo, pescadora mais antiga dessa comunidade. Aos 65 anos de idade e quase 60 de experiência na pesca, ainda apresenta muita disposição na coleta de isca, e considera a atividade, além da sobrevivência, uma diversão, muito embora “perigosa”. É notório o apego daquelas mulheres às obrigações da pesca de iscas, quando sabemos que essa atividade exige massivo esforço físico, esforço esse muitas vezes desempenhado pelo sexo masculino. Como no caso de dona Maria do Carmo, os mais velhos prolongam a sua participação útil nessa árdua atividade, mantendo o mesmo caráter esportivo inicial e respeitado pelos demais. Nessa trajetória esportiva em meio às dificuldades se misturam adolescência, juventude e velhice traduzindo-se numa surpreendente alegria de viver daquela comunidade.

O principal petrecho para coletar as iscas é uma tela, geralmente, de 2m x 85 cm, confeccionada com tela de nylon tipo mosquiteiro, pelo próprio pescador e manuseada por duas pessoas. Para dona Maria do Carmo essa tela é para o “isqueiro”, o que o laço é par o peão, qualquer menino com ele domina um touro

feroz, é só saber usar. Essa sabedoria se aprende em menino, se aperfeiçoa com a idade e muita prática e, principalmente, com a necessidade de sobreviver. Não há escolha. A lida com a tela exige habilidade, destreza e muita coragem, pois no seu manuseio, o “isqueiro enfrenta as adversidades do ambiente com água à altura do peito. Manusear a tela é um estado da arte. Todo conhecimento adquirido, ao longo dos anos, é repassado para as gerações futuras. Hoje, tantos os filhos como netos e sobrinhos, em idade praticamente adulta, de dona Maria do Carmo, atuam na atividade. Para ela, essa atividade foi a opção que lhe restou, mediante intensa dificuldade familiar desde a época de criança. Assim, como ela muitas outras mulheres seguem essa mesma trajetória.

Assim, mediante todas as dificuldades enfrentadas, todo ano, como um vai e vem, chega à piracema, período reprodutivo dos peixes, e a pesca se torna proibida por lei e o “isqueiro” é obrigado a fazer o que chama de “changa”, atuação em outras atividades para suprir as necessidades emergenciais da família, por um longo período de quatro meses, de novembro a fevereiro, além do período de cheia que dificulta a captura das iscas.

Pode-se, portanto, comparar a pesca de iscas a uma atividade esportiva onde, na competição, há os que ganham e os que perdem. Percebe-se que, há entre os “isqueiros” e entre “isqueiros” e intermediários uma contida e silenciosa, mas poderosa e permanente competição. Competem entre si, todos, mas para manterem a subsistência e a sobrevivência própria e de sua família, desprezando riscos e perigos, como alucinados atletas em busca de glórias. Contudo, a



competição é mais acirrada entre “isqueiro” e intermediário. É sabido que, mesmo nas classes economicamente desprotegidas, o sucesso ainda está ligado ao que se chama “trabalhar com a cabeça”. No caso do “isqueiro” essa disputa é a realidade do seu dia-a-dia, mas essa situação é suportada apenas pela certeza de sua transitoriedade, como um passo mais áspero na direção de aspirações maiores, como a busca para os filhos de algo que não “caleja” as mãos.

Em 2000, a Ecoa, junto com pesquisadores começa um trabalho demonstrativo no Porto da Manga ( $19^{\circ} 15' 33,15''S$  e  $57^{\circ} 14' 07,13''W$ ), convencida de que uma experiência local pode auxiliar a impulsionar grandes transformações, e que é preciso usar um tema, no caso, as iscas, como linguagem comum para aproximar as questões de conservação ambiental com a realidade e demandas sociais vivenciadas pelos isqueiros. Então o primeiro passo foi aproximar, conhecer e estabelecer relações de troca e confiança com aquela gente.

A comunidade do Porto da Manga é centenária, instalada à margem direita do rio Paraguai, distante 380 Km de Campo Grande, a capital do Estado de Mato Grosso do Sul e a 60 Km do terceiro maior município, Corumbá, na fronteira com a Bolívia. Essa comunidade comporta, atualmente, cerca de 400 pessoas distribuídas em 45 famílias, oriundas principalmente da região de Corumbá e outras do norte do Estado de Mato Grosso. Ao iniciar o trabalho na comunidade, a Ecoa percebeu a dimensão do desafio em questão: longe dos centros urbanos, esses moradores estavam desprovidos de meio de transportes, energia elétrica, água tratada, ou mesmo de assistência básica à saúde. A comercialização de espécies para iscas

consistia basicamente na única atividade de geração de renda, e estava sujeita à sazonalidade da pesca e da demanda esporádica por turistas.

Os “isqueiros” do Porto da Manga são pescadores tradicionais, de baixa renda, expulsos de suas terras originais nas zonas rurais, que se instalaram nessa região nas últimas décadas. Assim, apesar de viverem na mesma localidade, as famílias não tinham qualquer organização social e não conseguiam fazerem-se representar ou mesmo ter “voz” para demandar o desenvolvimento de processos que permitissem a melhoria da qualidade de suas vidas. Divergências internas, rixas entre famílias e distintas afinidades políticas e religiosas constituíam obstáculos para a organização local.

Agarrando a oportunidade oferecida pela Ecoa, a comunidade do Porto da Manga resolveu “arregaçar as mangas” na tentativa de reverter esse quadro, buscando e trabalhando as oportunidades de melhores práticas para o seu fortalecimento e desenvolvimento de uma forma mais sustentável. Após cinco anos de intenso trabalho junto a Ecoa, e em meio às dificuldades, alguns desafios já foram superados. Em 2001, a Ecoa implantou o Projeto Diretrizes para o manejo sustentável da atividade de coleta de iscas vivas, consistindo em pesquisas relativas a instrumentos e técnicas alternativas, para melhoria das condições de trabalho dos “isqueiros” com o intuito de aumentar a segurança do trabalho nas baias pantaneiras, uma vez que exploram o meio aquático desprovidos de vestimentas adequadas para proteção do seu corpo e os pés. É comum ver “isqueiros” coletando iscas com bermudas e sem sapatos. Assim, identificou-se no

mercado roupas apropriadas, confeccionadas de material impermeável (macacões), que foram apresentadas às comunidades de isqueiros e testados preliminarmente em baías próximas aos acampamentos do Porto da Manga e do Morro do Azeite, revelando sua eficiência quanto à impermeabilidade, à durabilidade e ao conforto. Do mesmo modo que foram realizadas e implementadas condições especiais para a aquisição dessas vestimentas, com objetivo de melhorar as técnicas de coleta, aumentar a seletividade de captura e reduzir os impactos ambientais dessa atividade, foram feitos testes com redes do tipo Sannet, com tamanhos superiores às empregadas pelos “isqueiros”. Em seguida foram realizados experimentos piloto utilizando a mesma técnica de captura dos isqueiros, porém adotando-se diferentes tipos de malhas a fim de avaliar a seletividade de cada uma delas em relação aos tamanhos das iscas e à biomassa dos diferentes grupos de organismos aquáticos, possibilitando a escolha da malha mais apropriada para as coletas, ou seja, a que captura em maior quantidade as iscas da espécie e tamanho desejados e, ao mesmo tempo, que permita a fuga dos organismos dos demais grupos, reduzindo os impactos ambientais da atividade. Atualmente 100% dos isqueiros da região pescam com o macacão e é comum o uso do modelo de tela adequada.

Em constante apoio da Ecoa, esses “isqueiros” começaram a ser alertados sobre os riscos da atividade para o ambiente, bem como para sua própria vida e começaram-se a munir de esclarecimentos e conhecimentos por meio de capacitações, por essa organização, como associativismo, educação ambiental, técnicas de manejo, entre outras. Isso os levaram a visualizar que se trabalhassem

de forma organizada poderiam reivindicar pelos seus direitos. Assim, em 2005 foi fundada a Associação dos Moradores do Porto da Manga. Hoje, o grupo é reconhecido como uma categoria (pescadores de iscas) e tem garantido espaço no Fórum Permanente para Pesca Sustentável no Pantanal. Outra grande conquista foi o direito de pesca, estocagem, transporte e venda de iscas vivas, como resultado da participação dos “isqueiros” no Conselho Estadual de Pesca (Conpesca). A comunidade tem sido capacitada com oficinas e cursos relativos a cooperativismo e associativismo, beneficiamento de alimentos (produtos do peixe e frutos nativos), manutenção para motores de popa, confecção de produtos ecológicos de limpeza, manejo de iscas vivas em cativeiro entre outras atividades de educação ambiental. Além dos adultos, as crianças também são beneficiadas com o atendimento odontológico (por agentes de saúde) e por profissionais de estética e beleza corporal e também com noções de informática, ressaltando que essa atividade é ministrada por um dos “isqueiros”, o Sr. Divaldo Soares.

Outra luta travada, mas vencida pela comunidade há pouco tempo, foi à aquisição da energia elétrica em junho de 2007, depois de várias reuniões com Ministério da Integração Nacional e Ministério de Turismo. Contudo, o desafio mais recente, esta sendo a redução das taxas de mortalidades das iscas vivas (*Gymnotus carapo*) em cativeiro. Estudos científicos, iniciados em 2006, já revelam redução de mortalidade em 30%. Para chegar a esse resultado, a Ecoa implantou uma unidade móvel nessa comunidade, onde são desenvolvidos os estudos experimentais por pesquisadores e com a participação dos “isqueiros”. As iscas são monitoradas em 16 tanques, sendo analisados diariamente os parâmetros físico-químicos da água

desses tanques, bem como a densidade de iscas por tanques. Contudo, antes de iniciar esse estudo piloto, pesquisadores acompanharam os “isqueiros” nas atividades de coletas, a fim de verificar a forma de manejo utilizada, como equipamentos de coleta, acondicionamento das iscas, recipientes utilizados, densidade por recipiente, parâmetros físico-químicos da água dos locais de coleta, horário da coletas, tempo de coleta, condições de transporte, tempo de transporte, prática de cevar o local de coleta, condições ambientais como ventos, temperatura, somando-se a essas a percepção dos pescadores. Mediante essas informações, iniciaram-se os experimentos.

Outra preocupação foi com as lesões presentes em muitos exemplares de iscas. Essas iscas enfermas quando colocadas em cativeiro contaminam praticamente todos os exemplares, levando-os a mortalidade. Por isso, exemplares de *Gymnotus carapo* em condições sadias e apresentando sanidade são acompanhados em laboratório especializado em piscicultura, a fim de identificar agentes patogênicos e definir tratamento para a Ichtyozootia, no caso da criação dessas iscas em cativeiro.

Em 2006, numa parceria entre Ecoa, Embrapa Pantanal e Ibama Corumbá, foi implantado o Sistema de Controle de Isca (SCIsca), em todo eixo do Morro do Azeite (*junto à BR 262*) a comunidade do Porto da Manga, com o objetivo de promover um resgate da memória da pesca de isca na região e, ao mesmo tempo, avaliar o impacto das variações de captura no modo de vida dessas comunidades. A partir de informações coletas em calendário anual, será possível analisar a

disponibilidade de estoques de iscas, gerando um banco de dados que possa ser acessados pelos “isqueiros” ao longo do ano. Isso, também permite ao pescador conhecer formalmente a situação em que se encontra a situação da atividade em que ele atua. A digitalização das informações é realizada pelo Sr. Divaldo, “isqueiro” do Porto da Manga.

Em todas as pesquisas desenvolvidas nessa região, o “isqueiro” atua diretamente na coleta de informações junto aos pesquisadores. Para o Sr. Delson Xavier e o Sr. Divaldo, “isqueiros” da comunidade, “essa pesquisa está ensinando muito a gente, e os resultado pra nós já é satisfatório porque significa que viabiliza nosso trabalho, pois vai diminuir nosso esforço de captura e favorecer a conservação do estoque pesqueiro porque menos iscas vão ser tiradas da natureza”.

Assim, nesses anos de intenso esforço da Ecoa, capacitando essa comunidade e gerando informações por meio desses projetos pilotos, verifica-se que os “isqueiros” estão satisfeitos, mas conscientes de que ainda há muito que aprender e praticar no manejo das iscas, e almejam ir além dessas conquistas, ou seja, fazer da pesca de iscas uma atividade sustentável. Para tanto estão dispostos a enfrentar novos desafios, entre eles: a criação de iscas em cativeiro; o fortalecimento do SCIsclas; implantação de entrepostos de distribuição de iscas certificadas com selo verde, uma vez que os “isqueiros” muitas vezes ficam a mercê dos atravessadores e comerciantes, os quais vendem as iscas para o consumidor por um preço mínimo de 400% do valor pago ao “isqueiro”; a implantação de acordos de pesca; identificação dos agentes patogênicos e

obrigatoriedade do atestado ictio-sanitário a fim de impedir a dispersão para outras localidades; revisão, implementação e normatização da lei de iscas junto aos órgãos competentes, uma vez que a lei estadual em vigor, N<sup>o</sup>. 2.898 de outubro de 2004, deixou de contemplar as espécies de iscas e tamanhos mínimos de captura; e definição de um plano de manejo local. Mas, para que tudo isso continue acontecendo, devemos lembrar que a estratégia da Ecoa em envolver diretamente organizações não governamentais, órgãos públicos e agentes locais, na busca de um objetivo comum, a conservação ambiental, foi uma das chaves do sucesso dessas mudança na comunidade do Porto da Manga.

Diante deste contexto, observa-se que, o desejo ou impulso de ascensão social, que é comum a todos os homens, levou a comunidade do Porto da Manga à adesão inconsciente dos costumes e valores, por meio da introjeção de hábitos, crenças, tradições, aspirações e, principalmente valores de classes, formando o inconsciente coletivo, o que vem sustentando e o mantendo a permanência dessa comunidade naquele local. Nem mesmo o isolamento dessa comunidade conseguiu cegar aquela gente. Hoje, com uma visão futurista está sempre disposta a enfrentar desafios na busca de alternativas para geração de renda e melhoria da qualidade de vida. Mostra tenacidade e comedimento invejáveis, pois com tantas dificuldades consegue juntar lógica, bom senso e coesão interna, o que tem se traduzido em quebra de paradigmas e gerado transformações.

Essas experiências vividas pela comunidade do Porto da Manga já despertam interesse da sociedade e levam outras comunidades ribeirinhas ao desejo de

vivenciá-las. Assim, as comunidades de “isqueiros” de Miranda, Serra do Amolar e Porto Murtinho, já estão sendo contempladas pelas ações.

Somos conscientes de que essas transformações só foram possíveis devido ao trabalho coletivo, a troca de conhecimentos e, fundamentalmente, o comprometimento da comunidade. Quando se trata de manejar recursos naturais de uso comum, a gestão participativa é vista como um dos melhores caminhos. A semente foi plantada, os primeiros frutos estão surgindo, mas é necessário continuar “adubando” o terreno com muita cautela.

**Mapa da área de atuação da Ecoa: Miranda – Porto da Manga – Amolar e Porto Murtinho**



**Parceiros nos trabalhos em toda região Pantaneira**

- . Ibama Corumbá;
- . Embrapa Pantanal;
- . Embrapa Agropecuária Oeste;
- . Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS;
- . Secretaria Especial de Aqüicultura e Pesca da Presidência da República - Seap/PR
- . ONG Ecosaúde;
- . Secretaria de Saúde de Corumbá;
- . Dismoto Yamaha.



## IMAGENS DOS TRABALHOS REALIZADOS NAS COMUNIDADES

### ISCAS VIVAS MAIS COLETADAS NO PANTANAL/MS: CARANGUEJO E TUVIRA.



*Caranguejo (Dilocarcinus pagei)*



*Tuviras (Gymnotus carapo)*

### EQUIPAMENTO DE SEGURANÇA PARA O TRABALHO DOS “ISQUEIROS”



*O macacão serve como proteção para os isqueiros - Trabalham com uma tela para coletar as iscas vivas. (Macacão - material emborrachado – Projeto Piloto da Ecoa realizado em 2005)*

### TRABALHO DIÁRIO DOS “ISQUEIROS”



*Isqueiros do Pantanal Sul-Matogrossense coletando as iscas – 70% são mulheres*

## TRABALHO DE EDUCAÇÃO COM AS CRIANÇAS NAS COMUNIDADES



*Projeto da Ecoa em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), desenvolve trabalhos educativos na área ambiental.*

## CAPACITAÇÃO EM ALTERNATIVAS DE RENDA PARA OS RIBEIRINHOS



*Oficina de aproveitamento de frutos regionais como alternativa de renda*



*Oficina de manutenção de motores de popa (barco). Ecoa em parceria com a Yamaha.*



*Oficina de Cooperativismo e Associativismo na Comunidade do Porto da Manga*

## TRABALHO EM POLÍTICAS PÚBLICAS



*Os membros das Associações (Porto da Manga e Miranda) participaram diretamente na construção da Lei de Pesca para o Estado - 2007*



*A Associação da comunidade centenária do Porto da Manga lutou durante cinco anos para adquirir luz elétrica – Energia foi instalada em junho de 2007.*

## PROJETO PILOTO COM AS ISCAS VIVAS (Centro de Iscas)



*Miranda*

*Porto da Manga*

**Organização: ECOA – Ecologia e Ação.**

Rua 14 de julho, 3169 – Centro.

CEP: 79002-333.

Campo Grande/MS.

Fone-Fax: (67) 3324-3230.

E-mail: [ecoa@riosvivos.org.br](mailto:ecoa@riosvivos.org.br) ou [jean@riosvivos.org.br](mailto:jean@riosvivos.org.br)

Responsável pelo texto: Jean Fernandes (*Jornalista e Técnico da Ecoa*)

Site: [www.ecoa.org.br](http://www.ecoa.org.br)